



SECRETÁRIO DA REDACÇÃO,
António Geraldo
EDITOR,
António A. Carvalho Júnior

Director e proprietário, **António Dantas, filho**
Guimarães, 28 de Maio de 1912

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua de Gil Vicente, 93 — GUIMARÃES
Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesense
RUA DE PAIO GALVÃO



O CALOIRO

despede-se dos seus prezados assinantes, colegas e colaboradores, manifestando a todos o seu reconhecimento pelos favores que lhe dispensaram.

CARTA

Rabi:

Não sei se lêste as minhas duas cartas anteriores.

Se as lêste, embuchaste de tal forma que não deste mais um pio; e se as não lêste, desculpa o facto de tas não ter mandado directamente, o que não fiz por não saber a quem as havia de endereçar.

Não vás imaginar que eu seria capaz de proceder como tu, que escreveste duas cartas abertas ao Reitor de Fermentões, e nem ao menos lhe remeteste, ou mandaste remeter, um exemplar dessas cartas, a êle que era o mais interessado no assunto, para tomar conhecimento da tua importante prosa.

E' que tu não escreveste para o Reitor. Quiseste armar à insensata popularidade, que faz dos homens, que podiam ser úteis a si e à sociedade, uns meros charlatães para quem o mais infimo desprezo é ainda pouco.

Porque tu mentiste, Rabi, e a mentira é a maior degradação a que o homem pode descer.

Desculpa a rudeza da minha linguagem e a aspereza da palavra que emprego; mas mentira é o termo apropriado.

Eu podia servir-me de outros mais suaves, como: — faltaste à verdade, informaste mal, etc., — mas a ti, que foste mau, indelicado e grosseiro, fica-te bem, mesmo a matar, a frieza destas sete letras: —Mentira!

A' volta do pároco de S. Torquato bordaste casos da tua fantástica invenção ou de quem te informou.

Mentira!

Em redor do caso da Oliveira fizeste o mesmo.

Mentira!

Escreveste duas cartas ao Reitor de Fermentões.

Mentira! Porque lhas não enviaste!

Mentira, tudo mentira!

«O mentiroso é um ente abjecto que não merece a mais pequena discussão.»

Adeus, Rabi.

Para terminar, vou dar-te um conselho que ouvi da boca do bom Reitor de Fermentões, esse santo que passa a vida arredado do bulício da cidade, ouvindo cantar os melros no silvado e o pintarroxo nos salgueirais:

Engravata-te em quatro metros de corda e dá quatro pulos no espaço!

Zero.

“Rei morto,
rei pôsto,”

Colaborámos no *Caloiro* com todo o ardor da nossa alma, votámos-lhe o mais puro dos nossos afectos e consagramos-lhe os melhores dos nossos esforços.

Sempre o considerámos um jornal académico, criado para que os estudantes tivessem nele um campo aberto onde pudessem preparar-se para entrar na vida activa que se nos antolha aspérrima e cheia de insondáveis abismos.

Ferimos por vezes a nota política nas colunas deste jornal, mas —oh maldição!—foi um raio que nos caiu em casa.

Os nossos académicos não queriam política e ameaçaram-nos,

bastantes dêles, de retirarem as suas assinaturas, se continuássemos.

Habitados a viver de ilusões, cantando madrigais, em noites de sonho, os nossos académicos esqueceram-se de que a nossa querida Pátria se debate com a incompetência que campeia por esse pais fora e que pretende a todo o transe fazer dela um feudo para uso particular, arrastando-a assim ao abismo mais perigoso, qual seja a luta fratricida que se vai observando no alto e que, se passa a reflectir-se cá em baixo, a arrastará irremediavelmente a um mar de lama, donde sairá depois, não a livre Pátria portuguesa de hoje, mas sim Portugal agrilhoadado à submissão e ao servilismo, tendo na frente o estigma da ignorância e o ferrete ignominioso da cobardia.

Quando nos censuraram, não mediram bem o alcance da nossa paixão, que nunca foi por uma coroa ou por um barrete frigio, pelo sr. Teófilo ou pelo sr. Arriaga, pelo sr. António José de Almeida ou pelo sr. Afonso Costa, mas sim, exclusivamente, por êste estremecido rincão português, por esta santa Pátria, mãe bendita de santos, sábios e heróis.

Não nos compreenderam os académicos, mas em compensação não fomos incompreendidos por todos os que com as suas assinaturas ajudaram a viver êste modesto jornal.

O publico — êsse publico que sente o mal de que a nossa sociedade enferma, porque é que paga as consultas, as operações, o material cirúrgico, os medicamentos e as dietas — compreendeu-nos perfeitamente e com prazer vimos a tiragem aumentar em pouco tempo.

Era, portanto, mister que nós correspondéssemos, tanto quanto podéssemos, ao favor que o publico nos vinha dispensando, defendendo os seus interesses, os seus sentimentos, as suas aspirações de independência e liberdade.

Dentro da esfera do *Caloiro* não o podíamos fazer, não só porque a isso se opunha uma mocidade sonhadora, mas também porque era um jornal pequeno e quinzenal.

Havia um caminho a seguir. Adoptámo-lo, sem tergiversações.

O *Caloiro* completa com êste numero o seu primeiro semestre,

cessando o seu compromisso com os assinantes.

Pois bem! Morre o *Caloiro* com êste numero e sôbre as suas cinzas serão lançadas as bases dum novo jornal semanal que se chamará o *Lusitano*, em homenagem à Pátria portuguesa, e que muito breve encetarà a sua publicação.

Divorciados de preconceitos, de amizades e ódios, seremos imparciais na apreciação, inflexíveis na critica, irredutíveis na luta contra tudo que seja atentatório da Consciência e da Liberdade.

Somos do Povo.

Trabalharemos pelo Povo e para o Povo.

Até ao *Lusitano*, pois.

Saudades

! Como é triste esperar entre grilhões
Um alívio superno,
Quando a despedaçarem corações
Rugem os alcapões
E as grades deste inferno!

! Triste de quem se vê da terra expulso,
Sem nunca a ouvir, sem lhe escutar os hinos,
Arrastado por mãos de fero pulso
Para longe dos raios matutinos!

! Triste de quem deixou um bem lá fora
A suspirar por si, entre soluços,
Chorando entre o bater da luz da aurora
As lágrimas dos frouxos olhos russos!

E, com as grossas grades que seguram
Esta solidão da outra vida estranha,
Eu já não ouço as águas que murmuram
Nos embates das rochas da montanha;

Não escuto o trinar, as melodias,
Que as aves me mandavam numa aragem,
Quando à tarde eu lidava com poesias
E elas vinham do fundo da ramiagem.

E o meu regato de água doce e clara
Lá me ficou, além, com seus gemidos!...
? Que dirá êle à borda da ceara,
Onde brinquei os anos mais queridos?

Que saudades terá?! Eu que o beijava
Num mergulho de paz e de carinho,
Ao despontar do sol que rebrilhava
Nessas gotas de orvalho miúdinho!...

Como eu tenho saudades do passado!...
Quando o sol reclinava ao horizonte,
Também eu me espelhava consolado
Nos olhares fagueiros duma frente!...

Lembrar-me que ficou tudo lá fora,
E muito longe, além dessas montanhas,
E' matar um alguém que alguém adora,
Rasgar um coração entre as entranhas!...

Agora que suspiro entre os grilhões,
Donde levar-me pode só a morte,
São às mil em meu seio as pulsações,
—Doce saudade dos vergeis do norte!

Pôrto—Relação

R. E.

Aos srs. assinantes

A todos os srs. assinantes que se encontram em débito, desejávamos dever-lhes o especial obséquio de nós enviarem a importância da sua assinatura, pelo que lhes ficamos muito gratos.

A Administração.

E depois?!...

Não tem importância os nossos escritos, dizem os super-homens cá da terra, porque o «Caloio» é um jornal de rapazes.

Ora o «Caloio» morreu gloriosamente neste número, porque cede o seu lugar ao «Lusitano», um guerreiro já feito, de arnês e montante.

Que dirão depois os mesmos super-homens?!...

Proteçora dos Animais

Assim se chama a uma sociedade recentemente fundada nesta cidade.

Dela chamamos a atenção para o facto de ainda serem mortos a estricnina os cães sem dono que tem a desdita de cair no canil municipal, cujos donos também devem ser sócios... (quando não são mortos a pontapé no momento de serem apanhados na rêde).

Lembramos a criação dum albergue para animais vadios.

E agora, a propósito: não serão também dignos de comiserção e protecção esses desgraçados indigentes que aos centos existem na cidade, morrendo de fome e de frio?

Surja da iniciativa popular uma obra em favor desses infelizes, que não são menos do que os cães que nos comem as pombas ou os gatos que nos matam os canários!

Fôrça, «Rabi»,!

Tem o impagável colaborador da não menos impagável *Coisa* assunto para mais algumas cartas abertas sobre moralidade.

O caso deu-se no dia 26, ali para a rua de Camões, e foi um espectáculo de primeira ordem pelo que reproduz de escandaloso e de ridículo.

Fôrça, Rabi! Moralidade em acção!

Salta epistola a um!

Vamos apostar em como Rabi vai fazer ouvidos de mercador visto tratar-se dum membro da grei.

Se fôsse dos outros, oh Céus!

Vá, Rabi e mais senhores da *Coisa*, confessem que ainda não somos tam mauzinhos, porque podíamos pôr tudo em pratos limpos.

CINEMATOGRAFIO

é o grande acontecimento aos domingos

Na berlinda

Acabo de levar um choque! Nem a energia do Sr. Jordão, em toda a fôrça da corrente, era capaz de produzir tamanho efeito!

Nada, sr. Director do «Caloio»: uma coisa destas não se faz!

!Matar o jornal em tam tenra idade e quando êle dava tam douradas esperanças!...

E a berlinda?!

Ora adeus! Agora que eu tinha mesmo à mão de semear umas *geografias* tam catitas...

Mas como você me oferece espaço no substituto do «Caloio», o «Lusitano», lá terão os meus queridos e indulgentes leitores uma secção *piadistica* e os meus *ilustres geografados* a chibata de que precisam tanto como as crianças de farinha Nestlé.

E agora, por pirraça, sabem quem está na berlinda?

E' o «Caloio» e mais cá o *Procurador* que passa hoje à categoria de *ex*.

Está na berlinda o «Caloio»:

—Porque, tendo vindo à luz dêste mundo numa hora bastante perigosa, sem parteira examinada a assistir ao bota-fora, saiu muito ferinho, louvado seja o Senhor, e, apesar de amamentado a *biberon*, nunca precisou de ir à consulta ali ao *banco* da rua das Lamelas, nem recolheu ao *hospital* do largo da Misericórdia.

—Porque, apesar de ser uma criança, emparceirou sempre com homens de bem e com êles aprendeu a fina educação necessária para se apresentar numa sala.

—Porque foi, não obstante a sua pouca idade, como que um marmelo cru que muito custou a engulir a certos indivíduos que não tiveram remédio senão aguentá-lo.

—Porque os seus doze números publicados são outros tantos documentos que aí ficam a atestar a sua sinceridade e honradez.

—Porque reconhecendo-se, tal como era, impotente para entrar numa luta aberta contra os inimigos da Liberdade, da Ordem e da Moral, cedeu generosamente o seu lugar a outro campeador mais forte.

Cá a pessoa da gente está na berlinda:

—Porque, apesar da sua muito boa vontade, nunca conseguiu fazer coisa que tivesse geito, por a isso o não o ajudar o engenho e arte.

—Porque, neste caso, lhe é applicável o dito popular—*quem te ensinou, sapateiro, a tocar rabecão*.

—Porque se despede com muitas saudades dos seus amáveis leitores, a quem, com um apertado *chi*, envia os mais sinceros agradecimentos pela sua complacência e pede muita desculpa das ensosas estopadas que aqui lhe pregou.

—Porque no «Lusitano» reatará as relações que por agora ficam interrompidas.

E, como ambos sabem quem disse isto, não tem prenda a dar, pelo que não tem opinião a formular o

Ex-procurador.

TIPOS POPULARES DA NOSSA TERRA

UMA GALERIA

III



O RENDIDO

Ao aprear-se na Estação do Caminho de Ferro, o nosso visitante encontra sempre o *Rendido* a perguntar-lhe se quer portador para a *malinha*.

Vem com êle, Avenida a baixo, e, pelo caminho, vai inquirindo com perspicácia se S. Ex.^a já tem vindo a Guimarães, se conhece a cidade; porque, se é a primeira vez que visita a terra de Afonso Henriques, êle, o *Rendido*, vai mostrar-lhe tudo quanto há de bom e digno de ser admirado.

—Olhe: S. Ex.^a vai para o Hotel do Toural, ou para o José Maria?...

—Vou para qualquer um, ou, por outra, vou para o melhor...

—Então, S. Ex.^a vem comigo e eu lá o levo muito direitinho.

—Agora vamos ao Castelo; S. Ex.^a vai ver a cadeia onde esteve prêsa a mãe do nosso primeiro Rei; e de lá vai ver a cidade toda —a Caixa da A'gua, o Convento da Costa, o Cemitério, a Praça de Touros (quando a havia), a Estação, tudo enfim. Depois vamos à Senhora da Oliveira ver o tesoiro. Ali é que *hão* coisas ricas: êle é cruces destas de ir nas procições; êle é cordões de ouro; êle é castiçais, —oh! meu Deus! —ali é que *hão* riquezas! Até lá tem um altar todo dourado e cheio de santos que até parecem gente viva.

—Então tu já viste o tesoiro?

—Oh! quantas e quantas vezes!

—Bem; e então agora?...

—Agora vamos à Sociedade M. Sarmiento, aos Bombeiros, à Luz Eléctrica, e até iremos às fábricas, se S. Ex.^a quiser. Há cá muitas fábricas e todas muito grandes: só a dos Costas tem lá mais povo a trabalhar... que quando saem, à noite, até parece a romaria do S. Torquato! Tanta gente!...

O *Rendido* é um tipo vivo e esperto. Verdadeiro cicerone, por êsse mister leva a sua vida ou

então a fazer recados aos namoros.

—Olha lá, ó *Rendido*; tu levas esta carta àquela casa que tu sabes, heim?...

—Sim, senhor.

—Bates, pedes a esmola e se vires a pessoa...

—Não é preciso mais nada: eu entro pelo portal do jardim, assento-me num banco e espreito para a janela. E quando a vir, faço-lhe sinal, heim? Já se sabe, ela vem... Eu digo logo — Passou bem, minha menina?... Se me pudesse dar a esmolinha... e tal e coizas. Ela pega na carta e eu raspo-me.

—Bem! Toma lá e tem cautela que não te veja o Pai.

—Não tem dúvida: eu já sei da marosca.

O *Rendido* nasceu já imperfeito fisicamente. E' um infeliz, como há infelizmente muitos. Ainda pega numa mala ou num pequeno fardo, mas com muito custo, porque não tem fôrças com que possa contar. Pobre, muito pobre, mesmo os seus de família mandaram-no pedir de porta em porta, quando criança. Hoje tem trinta e quatro anos e a sua estatura não apresenta mais de doze, quando muito.

Em tempos viajou muito com uns brasileiros conhecidos dêle que o levaram a Coimbra e outras cidades. Ainda hoje conta maravilhas, dos museus da Universidade.

—Olhe que lá *hão* todos os bichos, sabe?... Todos!

—Viste então lá os elefantes, os cavalos marinhos, os leões...

—Valho o Deus! Não é desses; é dos outros.

—De quais outros?

—Dos que são embalsamados.

—Ah! então são cães, gatos, ratos etc, etc.

—Desses mesmos; mas também tinha pássaros, grilos, besoiros, borbolêtas, môscas...

—Também môscas embalsamadas?!

—Sim, senhor; e até mosquitos lá ví.

—Até mosquitos?!... Mas então como é que êles podem embalsamar os mosquitos?

—Então o senhor não sabe?!... ora essa! Pois olhe que é uma coisa muito fácil, como eu lá ouvi dizer: tiram-se-lhe as tripas, mette-se palha e veneno na barriga e pronto.

Alberto César.

Até às estrelas...

A' Ex.^{ma} Sr.^a D. M. J. G.

Quis fazer-te um poemeto côr de rosa, Quando inspirado em tua ideal beleza... Com tua tez côrada e perfumosa, Com teu porte sumptuoso de princesa...

Pego da pena... (A noite silenciosa, Êrma, fria, enluarada—é só tristeza...) Vou escrever e noto, com surpresa, Que uma estrela, que além, muito vaidosa,

Me espreitava, ostentando o seu regaço, Toda enrubesce, como por magia... Depois... desmaia num letal cansaço...

Em êxtase fiquei... pois não sabia, Que os próprios astros morrem no espaço, Despeitados de ti... numa agonia!

Pela cidade

Incêndio. — No dia 22, pelas 15 horas, manifestou-se incêndio na sob-loja da importante mercearia dos srs. Neves & C., à rua de Gil Vicente, em consequência de ter pegado fogo ao folhelho, que ali imprudentemente estava armazenado, uma luz levada lá por um aprendiz que ali fôra na companhia do filho do sr. Neves.

Conquanto as tórras da cidade dessem os respectivos sinais durante o curto espaço de tempo regulamentado para os toques de sinos, que para casos tais se não preceitua, os socorros fôram rápidos, devido à hora do dia. A concorrência de povo foi grande, criando embaraços aos nossos bombeiros, pela falta de prontidão e energia da policia, tam necessárias em ocasiões destas para o livre desempenho dos seus humanitários serviços.

O ataque tornou-se difícil por não haver por onde, por se ignorar o foco do perigo e pela grande abundância do espesso e rasteiro fumo, que sufocava, sendo necessário empregar-se o salva-vidas para salvamento da sogra do sr. Neves que, inconsciente, assomara à janela, e abriram-se buracos no soalho, junto das portas, para o ataque das agulhetas, uma das quais, a da porta lateral da viela, incidiu no foco do incêndio, que logo foi dominado, não chegando a invadir as lojas, onde havia rico e abundante mobiliário, parte do qual se conseguiu ainda tirar.

Os estragos, ainda assim, devem orçar por um conto de réis, cobertos pelo seguro, porque o soalho ficou carbonizado pela parte inferior e pelas juntas, ficando chamuscadas algumas peças de valor, entre as quais vimos inutilizada uma mesa Luis XVI.

Empregaram-se 750 metros de mangueira para 6 agulhetas que foi necessário aplicar às bôcas de incêndio da esquina da rua 31 de Janeiro e em frente da Sarmento.

Os nossos bombeiros portaram-se com denodo.

Excursão ao Pôrto. — Ao contrário do que ai se tem propagado, reina grande entusiasmo, na maicria do operariado vimaranense, por esta excursão, levada a efeito pelas associações de classe.

A comissão desta excursão pede-nos para participar que, por motivos que surgiram à última hora, a excursão fica adiada para o dia 23 de Junho, vespera de S. João.

Os bilhetes, que se encontram à venda em diversos locais já anunciados, teem tido grande procura, levando tudo a crer que a excursão será imponente.

Hotel do Padre em Vizela

O hábil e muito digno solicitador interino desta comarca, nosso prezado amigo, José Fernandes da Silva Correia, obedecendo aos impulsos da magnânima generosidade que o caracteriza, convida os seus dilectos amigos J. Roriz e Simão Costa, a jantar no magnífico Hotel do Padre, em Vizela, no dia 2 de Junho próximo, dia em que aquela formosa estância se encontrará em festa, por motivo do lançamento da 1.ª pedra para a edificação do Hospital.

Excursão

Efectuou-se no penúltimo domingo a anunciada excursão socialista, promovida pela confederação da Região do Norte.

Depois duma alvorada com música e algum fogo, seguiram as associações de classe desta cidade, com as suas bandeiras e uma música, para a estação do caminho de ferro, onde esperaram o combóio excursionista, que chegou pelas nove horas e tanto, anunciado por uma girândola de foguetes, e que se compunha de doze carruagens comportando 780 manifestantes.

Depois das trocas de boas-vindas e de calorosas manifestações de entusiasmo, seguiu o cortejo, com 45 bandeiras e 8 painéis alegóricos, para a cidade, onde des-

filou por entre massas de povo, dando vivas calorosos, até à sede do Centro Socialista de Guimarães, à praça da República do Brasil, em cuja varanda discursaram o seu presidente, José Marques Aveiro, e os propagandistas Maravilhas Pereira e António Augusto da Silva, que fôram muito aplaudidos pela assistência.

Os excursionistas espalharam-se depois pela cidade, em grupos, visitando os seus monumentos, e alguns fôram a S. Torquato e à Penha. A Sociedade Martins Sarmento esteve muito concorrida, não nos constando incidente algum de maior.

Pelas quinze e meia horas, acompanhados de duas bandas de música, seguiram os excursionistas para o lugar da Vaca Negra, onde se realizou o comício socialista, sob a presidência do operário portuense João Moreira da Silva, secretariado por dois colegas desta cidade, falando os srs. Luis Soares, Sousa Salgado, Manuel de Oliveira, A. Augusto da Silva, Maravilhas Pereira, J. de Oliveira Rodrigues, Cândido Pereira e o Presidente, enaltecendo as doutrinas socialistas e condenando a absorvência do capitalismo, contra o qual o operariado deve unir-se económica e politicamente.

O piquenique esteve animado, ao som das duas bandas de música, que se alternavam. Ao fim de tudo regressaram à cidade, donde, ao anoitecer, dado o sinal por uma girândola de foguetes, se pôs o cortejo em marcha para a estação do caminho de ferro, onde se realizou o embarque para o Pôrto, pelas 20 1/2 horas, havendo quente manifestação à despedida.

Festejos ao S. João em Braga. — A comissão municipal administrativa na sua última sessão, deliberou em face do officio que lhe foi enviado pela comissão dos festejos de S. João, concorrer para as mesmas festas com a quantia de 300.000 réis, inscripta no orçamento ordinário, bem como, com mais a de 200.000 réis para ocorrer ás despesas no caso de déficit.

Ao que viemos

No primeiro número do nosso quinzenário epigrafámos a nossa apresentação com o singelo dizer *Ao que viemos.*

Assim aparecemos.

Pois hoje mesmo, tam depressa, ao cabo dum rápido semestre, volvidos apenas doze números, vamos estrangular o mísero *Caloiro* e porisso nos despedimos dizendo a que viemos.

¿Vamos então repetir o mesmo arrazoado, embora pequeno?

Não. Vamos dizer adeus aos nossos amigos.

E' este mundo ^{***} cheio de quimeras.

E' esta vida repleta de ilusões.

Pensámos que fariamos aos nossos camaradas um aproveitável serviço abrindo-lhes um salãozito de ensaios, onde as suas penas tentassem os primeiros rabiscos dignos de aprêço. Poucos nos compreenderam.

Supusemos que, usando a ortografia oficial, despertaríamos particular interesse no mundo escolástico. Pouquíssimos nos apreciaram. Em tais circunstâncias, e crescendo ainda razões que melhor será deixar esquecer, resolvemos fechar o nosso modesto salãozinho.

E' verdade. Assim deixamos desaparecer esta tentativa de jornal académico nesta nobre Guimarães.

Últimamente os jornais académicos teem fervilhado. Serão até em demasia. Não contávamos com tantos campeões da Academia.

Assim se desculpa melhor o desaparecimento do *Caloiro*.

Morre o pobrezinho, mas não morre de morte cruel.

Matamo-lo sossegadamente.

E' um estrangular doce, que fará lembrar a morte serena daquelle Petrónio que o *Quo vadis* nos não deixa esquecer nunca.

Doze números, que ai ficam, serão sempre doze pétalas de carinho, com que fomos abrindo a rosa bendita da Instrução querida. E a rosa da Instrução é tam grande e tem as pétalas, tantas e tam emmaranhadas!...

FOLHETIM

PREGÃO

NA

Festa dos Estudantes de Guimarães

(CHAMADA DE S. NICOLAU)

Anode 1829

Exultemos, ditosos Lusitanos.
Lícia é um paraíso entre os humanos.
Da horrenda escravidão, onde caímos,
Já ao cume da glória ressurgimos;
Triunfa a Religião, pendões arvora;
Com ela o grande Miguel seu trono escora.
Pio e Fernando já dos Reis mais justo
Saúdam com prazer o nome augusto.
Graças a Nicolau! Ele fez tudo,
Qual protege das sciências o estudo.
O sentido inspirou da lusa lei
Para a Pátria saber qual o seu Rei.
Fêz unânime a voz dos três Estados,
Fêz sumir os infames revoltados.
A' face de Miguel tudo descansa,
Astreia de sua mão fia a balança.

As artes, o Comércio, a Agricultura,
Fazem da Pátria universal ventura.
E se a ti, ó Nicolau, tanto devemos,
A quem, senão a ti, festejaremos?
Mas só quem corre o giro literário
Aqui poderá ser funcionário.
Como politicavas, caixeirinho,
Outrora, e de tal côr teu colarinho,
¿Quererás tambem aqui dar colherada,
Dizer: três vezes seis dezóito nada?
Se não tomas juízo, ó meu brutesco,
No célebre Tournal tens banho fresco.
Vós, que acendeis de amor as ternas chamas,
Não penseis aquecer lindas madamas.
Tudo de prevenção esteja guardado
Para o traje mais florido e aceado.
Florões caíam, toucados e polvilhos.
Que importa que ferros e espartilhos
Vos magoem as carnes tam mimosas,
Se com isto só julgais que sois formosas?
Não orneis de damasco essas janelas;
Convosco as ornai, gentis donzelas;
Pois convosco é que tudo é bem brilhante,
E que seria sem vós dum terno amante?
Tudo seja de amor, tudo, guapo;
O ginja que ralhar, leva sopapo.
De manhã, de ginete, esporeando,
Ou então com gostos mil o pé calcando,
Tendo corrido o sol já meio espaço,
Lá te vamos visitar, rendeiro escasso.

E se tudo não fôr cheio e aceado,
Tens logo de chorar teu triste fado.
Em correndo esta Vila e arredores,
Cada um brindará os seus amores.
Dum Páris colherão Vénus formosas
Maçã que tenta Evas cubiçosas.
Serão de louras nozes as manadas,
P'ra as trigueiras que sejam engraçadas.
Se alguma, a seu pesar, é feia ou velha,
Não lhe toca por lei maçã vermelha;
Mas, p'ra não desgostar, terá da renda
As freiradas castanhas p'ra merenda.
Porfie cada qual ser a primeira,
A mais terna, briosa e faladeira.
Vós que ao domingo andais entretelhados,
Ouvi do nosso juiz estes mandados:
Máscara, exhibição, festiva dança,
Que ao coração das Ninfas prisões lança,
E' cacho que ninguém mais depenica.
Olhai que os repicados colarinhos
Podem varrer a terra com os focinhos.
Enfim, respeito e amor tudo tempera,
Mais vale—bem fiz eu—que—se eu soubera...
Rufando anunciem os tambores
O sacro Nicolau e seus louvores;
E na da fama altissonante tuba,
O modêlo dos Reis aos astros suba.

FIM

TIP. MINERVA  VIMARANENSE

Officina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cerca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a cores, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório, caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. * * * Trabalhos perfeitos e rápidos.

Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar: Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial.

Alimentação abundante e bem cuidada

Pedir programas à Direcção

O GALOIRO

Publicação quinzenal

PREÇO DA ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Semestre ... 240 rs.
Trimestre ... 120 "
Número avulso ... 30 "
Pelo correio aumenta 60 réis, para o porte e cobrança.

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.
Repetição, por linha ... 20 "
Permanentes, contrato convencional.
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

O GALOIRO

Publicação quinzenal

Ex.^{mo} Sr.